



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
PÓLO DE MEDICILÂNDIA**

ROSILEIDE ALVES BORGES

**MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E DE SABERES NA
AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO,
LOCALIZADA NO KM 115 NORTE**

**Medicilândia / Pa
2020**

ROSILEIDE ALVES BORGES

**AS MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E DE SABERES NA
AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO LOCALIZADA
NO KM 115 NORTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada plena em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, sob a orientação do prof. Dr. Mário José Henchen

**Medicilândia / Pará
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B732m BORGES, ROSILEIDE ALVES
AS MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE
PRODUÇÃO E DE SABERES NA AGRICULTURA FAMILIAR NA
COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO LOCALIZADA NO KM 115
NORTE / ROSILEIDE ALVES BORGES. — 2020.
24 f.

Orientador(a): Prof. Dr. MÁrio JosÉ Hennen
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
Federal do Pará, Altamira, 2020.

1. Sistemas de produção. 2. Agricultura familiar. 3. Práticas.
4. Saberes camponeses. I. Título.

CDD 370

AS MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E DE SABERES NA AGRICULTURA FAMILIAR NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO LOCALIZADA NO KM 115 NORTE

ROSILEIDE ALVES BORGES¹

Roseleideborges12@gmail.com

Mario José Henchem²

henchen@ufpa.br

Resumo.

O artigo/ensaio que ora apresentamos se constitui e ganhou corpo a partir da relação entre um conjunto de pesquisas de campo e elementos de análises surgidos durante as leituras e debates teóricos realizados em sala de aula, no percurso ou trajetória da formação acadêmica. A parte da pesquisa foi realizada com famílias camponesas que residem, em média, há cerca de 30 ou mesmo 40 anos na localidade e trabalham na vicinal do km 115 Norte, na comunidade Santo Antônio, distante aproximadamente vinte km da rodovia Transamazônica, município de Medicilândia, localizada está entre os municípios de Altamira e Uruará, estado do Pará. Esta temática foi ganhando contornos mais evidentes a partir de uma reflexão acerca dos dados coletados com os entrevistados cujo objetivo inicial era a organização dos relatórios dos tempos comunidades com a finalidade de interpretar, de forma objetiva, o surgimento da comunidade, sua organização, as atividades produtivas e reprodutivas das famílias nesta residentes, dentre tantas outras que dizem respeito ao mundo de vida e de trabalho camponês. Interessou saber acerca dos fatores que influenciaram a vinda destas famílias camponesas para esta região, notadamente para aquela comunidade, acerca das mudanças na agricultura familiar que estas acompanharam no percurso de suas trajetórias familiares, considerando-se o tempo e as condições de sua chegada até os dias atuais, bem como as transformações no universo das técnicas e práticas utilizadas pelas famílias camponesas no sentido de garantir sua produção e reprodução social no local, e, por conseguinte, como estes saberes ligados a agricultura familiar precisam ser res-significados a cada mudança nos sistemas de produção.

Palavras-chave: Sistemas de produção, Agricultura familiar, Práticas, Saberes camponeses.

¹ Acadêmica formando do Curso em Licenciatura de Educação do Campo, da Faculdade de Etnodiversidade, Universidade Federal do Pará-UFPA Campus Universitário de Altamira, polo de Medicilândia.

² Professor do Curso de Educação do Campo, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário da UFPA, Altamira.

Abstract

The article / essay that we present here is constituted and gained body from the relationship between a set of field research and elements of analysis that emerged during the lectures and theoretical debates carried out in the classroom, along the path or trajectory of academic formation. The part of the research was carried out with peasant families who have lived, on average, for about 30 or even 40 years in the locality and work in the neighborhood of km 115 Norte, in the Santo Antônio community, approximately twenty km from the Transamazônica highway, in the municipality of Medicilândia, located between the municipalities of Altamira and Uruará, state of Pará. This theme was gaining more evident contours from a reflection on the data collected from the interviewees whose initial objective was the organization of the reports of the times communities with the purpose of interpreting, objectively, the emergence of the community, its organization, the productive and reproductive activities of the families in this resident, among many others that concern the world of peasant life and work. He was interested to know about the factors that influenced the coming of these peasant families to this region, notably to that community, about the changes in family farming that they followed in the course of their family trajectories, considering the time and conditions of their arrival until the current days, as well as the transformations in the universe of techniques and practices used by peasant families in order to guarantee their production and social reproduction in the place, and, therefore, how this knowledge linked to family farming needs to be res-signified with each change in production systems.

Key word: production systems, family farming, peasant, practices knowledge

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. AS PRIMEIRAS ATIVIDADES PRODUTIVAS, TÉCNICAS E SABERES DOS CAMPONESES NO INÍCIO DA ABERTURA DA RODOVIA TRANSAMAZÔNICA: PREPARANDO O LOCAL DO ROÇADO.	9
3. MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DOS CAMPONESES.....	13
4. O EXTRATIVISMO NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DA TRANSAMAZÔNICA.	16
5. A IMPLANTAÇÃO DE CULTURA/CULTIVARES MAIS RECENTES DA REGIÃO DA TRANSAMAZÔNICA	19
6. OS AVANÇOS DAS TECNOLOGIAS NA AGRICULTURA FAMILIAR.....	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	31

1. INTRODUÇÃO

Este artigo/ensaio foi constituído a partir de entrevistas realizadas com agricultores e agricultoras da localidade Santo Antônio, e, para tanto, tomamos por base o uso de um roteiro pré-elaborado que tinha por finalidade auxiliar o diálogo no momento das entrevistas; bem como o uso de uma metodologia de análise qualitativa que teve por base a interpretação das questões levantadas nas entrevistas. Neste sentido, Lessa, (2008, pag. 8), assegura que para usar a linguagem ou análise qualitativa o pesquisador deve usar a técnica que imerge do mundo no qual os sujeitos entrevistados são observados para obterem-se informações da realidade em que residem e para que a pesquisa tenha as necessárias informações, que serão o objeto central da interlocução com estes.

Nesta fase da pesquisa obtivemos informações importantes sobre a agricultura familiar, e a partir destas foi realizado este trabalho. Com estes dados foi possível, acredito compreender as questões envolvidas neste processo de mudança das atividades produtivas e reprodutivas dos camponeses daquela localidade e, a partir disso, fazer uma reflexão sobre os motivos pelos quais aquelas famílias vieram de outros estados com culturas diferentes, conhecimento, práticas e técnicas distintas, constituídas estas a partir das relações de trabalho familiar camponês na companhia tanto dos pais quanto de avós, e, socializadas de geração em geração.

Assim, ao chegaram na região estas famílias, de posse deste conjunto de técnicas e instrumentos de trabalho, que tinham por objetivo garantir sua sobrevivência a partir do trabalho na terra, das lidas camponesas em seus locais de origem e sob determinadas condições específicas, se viram forçadas a adaptar, re-situar e reorientar tais práticas e técnicas, isto é, seus saberes, sua bagagem cultural, quando da necessidade de trabalho na agricultura. Silva (2019, p. 14), analisa um conjunto de mudanças nos sistemas de produção e a res-significação das práticas e saberes camponeses em uma pesquisa realizada na comunidade do km 332 da rodovia Transamazônica, a qual apresenta diversas semelhanças com os aspectos da realidade dos camponeses que residem na comunidade Santo Antônio, principalmente as questões da mudança na agricultura e nas novas práticas e técnicas que aqueles camponeses tiveram que adaptar para continuar com o cultivo da lavoura branca.

Muitos dos camponeses cuja práticas são aqui analisadas, vieram com esperança de adquirir terras e mudar de vida financeiramente; segundo estes, alguns vieram através de informações de parentes, outros através de noticiário transmitido pelo rádio, e, destacam que ouviam falar muito bem da região. Alguns chegaram aqui ainda crianças, cresceram e se adaptaram ao local e a região, e, até hoje vivem cultivando lavoura branca.

Desta forma, a partir dos noticiários acerca das terras da região, da propaganda oficial do Estado, de que estas eram muito boas, muitos camponeses deixaram suas lavouras (vendendo seus pequenos sítios e/ou repassando novamente para os proprietários, no caso de meeiros ou parceiros, agregados, etc.) e vieram, notadamente, com o objetivo de conseguir mais terras, mas sem saber acerca das dificuldades que iriam enfrentar até se adaptar com o conjunto das mudanças necessárias para trabalhar na agricultura na região. Encontraram aqui um novo clima, períodos extensos de chuva ou de sol, um novo tipo de cobertura vegetal, novas variedades de vegetais (arroz, feijão, milho, mandioca, etc.).

Como acentuam estes, no início da abertura da rodovia Transamazônica vieram camponeses de várias regiões do país, muitos não se adaptaram e preferiram retornar aos seus locais de origem; isso quando ainda tinham recursos econômicos para voltar. Muitos destes camponeses perderam filhos acometidos por doenças desconhecidas, como o caso da malária, por exemplo, ou mesmo, perderam membros da família na luta por conflitos de terras. Outros tantos se adaptaram, incorporaram novas práticas, novas técnicas, adquiriram capacidade de manuseio de outras ferramentas de trabalho, tais como o trabalho com o uso de motosserra, e residem até hoje na região.

Foi ainda possível compreender alguns dos motivos pelos quais estes deixaram suas regiões, se a migração destes se deu por falta de propriedades camponesas ou falta de recursos para cultivar novas plantações que estavam sendo incorporadas em seus locais de origem e necessitavam estas de maiores áreas e investimentos em tecnologias; quais eram as plantações que estes cultivavam nas localidades de origem; além de questões relativas as dificuldades enfrentadas para ser adaptar e cultivar nova plantações na região. Interessou saber também acerca dos impactos na/da agricultura familiar a partir da realidade de cada família em relação as mulheres, que com a mudança na agricultura estas também precisam se adaptar as novas práticas para obter resultados satisfatórios nas criações de animais, aves, que fazem parte da renda familiar.

Interessou também saber acerca de como se deu esse procedimentos de adaptação dos costumes, saberes, se estes levaram anos para se adaptarem com os novos cultivos, se tiveram dificuldades neste percurso de mudanças, sobre como foi adquirido o novo aprendizado; onde estes buscaram orientações técnicas para desenvolver a nova cultura a ser trabalhada; como o caso de lavouras de pimenta do reino, café e cacau, desconhecidas, da grande maioria destes em seus locais de origem, e, portanto, culturas para as quais seus saberes e técnicas acumuladas não se constituíam suficientes.

Mas, faz-se necessário considerar, sobretudo, o fato de que estas famílias migraram no interior de um projeto de colonização colocado em execução pelo Estado, durante o regime de ditadura militar nos anos 1970, que estas famílias migrantes, em sua grande maioria, não tiveram opção de escolhas, empurrados ou pela escassez e luta pela posse das terras no Sul ou pelas secas e cercas no Nordeste brasileiro. Foi, sobretudo, no interior deste projeto de colonização ao qual a região foi submetida que estas acomodações, enfrentamentos, lutas pela subsistência se desenrolaram. Mas, sobretudo, foi também no interior deste processo de ocupação de uma parcela de terra desconhecida que o campesinato regional conseguiu se reorganizar, socializar experiências, lutar para produzir e, por conseguinte, reproduzir suas próprias condições de existência.

2. AS PRIMEIRAS ATIVIDADES PRODUTIVAS, TÉCNICAS E SABERES DOS CAMPONESES NO INÍCIO DA ABERTURA DA RODOVIA TRANSAMAZÔNICA: PREPARANDO O LOCAL DO ROÇADO.

Por volta dos anos 1970, conforme destaca Rocha (2016, pag. 39), com a abertura da rodovia Transamazônica, muitos camponeses vieram para esta localidade, chegados de outras regiões e iniciaram aqui suas atividades produtivas com o plantio de lavouras de subsistência, também conhecida popularmente como lavoura branca, principalmente o arroz que foi uma atividade incentivada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, (INCRA). Assim, no início “todos” plantavam arroz, milho, feijão. Segundo a autora, em meados da década de 1970 os camponeses perceberam o potencial para as lavouras de café, pimenta-do-reino e cacau, e isso impulsionou a implantação dessa cultura.

Muitos desses camponeses tiveram dificuldades para se adaptar ao domínio de outras técnicas e práticas, porque cada um veio com costumes deferentes. Advindos de seus locais de origem, nos quais trabalhavam, em sua grande maioria, com lavouras de subsistência/branca e, tinham suas atividades familiares com base na criação de animais, plantavam em pequenos

espaços, nos quais, segundo estes, se plantava um pouco de cada lavoura, e para criar animais às vezes não precisavam fazer cercas para prender os animais.

Aqueles que trabalhavam na “terra mansa”, uma terra cultivada há vários anos ou décadas, ao chegar aqui na Transamazônica, segundo destaca seu João Luiz, tiveram que modificar suas práticas, seus saberes, pois que teriam que enfrentar a “mata braba”, começando a atividade de “domesticação da natureza”, da mata, pela atividade do broque³, pois tinha que fazer uma primeira limpeza na vegetação, antes de iniciar o trabalho de derrubada, isto é, de remoção da vegetação mais densa. Para se fazer o broque e a derrubada, segundo ele, necessitava saber quais os tipos de ferramentas que usaria para fazer a nova roça. Desta forma, segundo nossos interlocutores, foi usado dois tipos de foice para a execução de uma mesma atividade, isto é, para se fazer o broque na mata. Uma foice, com um cabo mais longo para brocar a vegetação mais rala ou espaçada, no interior da área a ser derrubada, e outra com o cabo mais curto e a lâmina mais pesada, utilizada para brocar a mata nas áreas em que havia uma maior quantidade de cipós.

Aos poucos foi necessário apreender que ao terminar de brocar, momento em que finalizava a primeira fase do trabalho de abertura de uma nova área de cultivo, precisava esperar algumas semanas até chegar a época da derrubada, momento em que a vegetação cortada já havia secado e se constituído em “cama para a queimada”. A atividade de derrubada era realizada com a utilização do machado. Muitos relatam que em seus locais de origem, o machado tinha tão somente uma finalidade: cortar vegetação pequena para queimar no fogão a lenha na atividade de preparação de alimentos, ou nos fornos nos quais se preparava a farinha de mandioca.

Mas, o trabalho de derrubada não era assim tão fácil de fazer, conforme pode parecer num primeiro momento. Seu Valdir acentua o fato de que os camponeses recém-chegados na região precisavam, para diminuir o trabalho dispensado na derrubada, aprender a fazer “as mandadas”⁴. Assim, muitas vezes, na companhia de um camponês mais experiente naquele ofício ou tarefa, para fazer uma derrubada mais rápida, aprendiam como fazer as mandadas, como descobrir ou identificar os locais mais apropriados, pois que esta só daria certo se fosse

³ A atividade de broque consiste no primeiro trabalho camponês com vistas a limpeza de uma nova área de cultivo, cuja ferramenta utilizada é uma foice.

⁴ A mandada consiste em uma técnica necessária tanto para se economizar tempo e esforço físico na atividade da derrubada quanto para evitar maiores riscos aos trabalhadores, já que o peso das árvores maiores ajuda a empurrar as menores no processo da derrubada, aproveitando a inclinação do terreno e economizando parte do esforço físico e do tempo necessário no desenvolvimento da atividade.

“de decida”, isto é, realizada a partir da parte mais alta do terreno, forçando as árvores mais altas e pesadas e empurrar ladeira abaixo as árvores de menor porte.

Após a derrubada esperava-se mais algumas semanas para a vegetação secar e chegar ao ponto de fazer a queimada da vegetação. Para a realização da referida atividade, segundo seu Pedro, “precisava ter muita ciência”, pois que esta atividade de queimar a vegetação, dependendo da necessidade de proteção do restante da propriedade ou de alguma outra lavoura localizada nas proximidades, só deveria acontecer depois da realização de aceiros ao redor da vegetação a ser queimada. Este seria mais largo ou estreito, dependendo da direção do vento e da localização da área a ser protegida. E, portanto, para utilizar o fogo na atividade de limpeza do terreno era necessário um novo domínio tecnológico, em função do que o risco do uso de fogo significa na atividade camponesa.

Mas, as queimadas nem sempre davam um bom resultado, pois, estas dependiam de vários fatores, sobre os quais os camponeses tinham pouca ou nenhuma interferência, como, por exemplo, a incidência de chuvas, a direção do vento na hora de começar o fogo. Se, entre o momento da derrubada e da queimada da vegetação acontecesse de passar alguns dias chovendo, a roça poderia até mesmo ser perdida em sua totalidade, comprometendo a reprodução familiar. Assim, segundo estes, o momento da queimada era muito esperado, e se acontecesse uma boa queimada, segundo ele, dessas que fica “só cinzas no chão”, por certo que existiria algum tipo de comemoração não só da família, mas também dos vizinhos, principalmente se estes tinham “botado sua mata no chão” mais tarde, e em função disso ainda precisarem esperar mais algumas semanas para realizarem suas queimadas. Saber que o vizinho tinha queimado bem seu roçado era uma boa notícia, pois, dependendo da queimada das próprias roças, alguns camponeses seriam “forçados” a pegar roça emprestada de terceiros.

Ainda segundo seu Pedro, um de nossos entrevistados, quando um vizinho não conseguia queimar uma boa roça, por motivo de chuva ou por qualquer outro motivo, era comum que este recebesse um pedaço de uma roça já queimada de outro camponês, para nele fazer suas plantações anuais. As vezes o “pagamento” pelo uso da área queimada consistia em deixar uma variedade de capim já implantada no local, com vistas a formar ali uma pastagem para o gado do dono da propriedade, que poderia ser adquirido mais tarde. Outras vezes, em situações mais vantajosas, poderiam estes proprietários das roças solicitar uma parte do

vegetal colhido naquela área cedida. A quantidade a ser entregue ao dono da propriedade variava em função dos acordos entre as partes, e poderia ser a metade ou terça parte da colheita. Mas, não era difícil de encontrar situações nas quais não se solicitavam ou pagavam parcelas a terceiros, pelo uso de áreas já queimadas.

Mas, quando a vegetação não queimava da forma desejada, para fazer as plantações na nova área era necessário se fazer as coivaras⁵. Depois de esperar pacientemente pelas primeiras chuvas, que as vezes chegavam com a entrada em um novo ano, era o momento de começar a plantação. O que seria plantado na nova área dependia da necessidade familiar, tanto de consumo como para adquirir produtos no mercado local. Mas, para a maioria das famílias camponesas, começava pelo arroz, que, depois de aproximadamente, três meses ou mais de espera, dependendo das variedades plantadas, estava no ponto de colheita. Algumas vezes, após a colheita do arroz, plantavam as sementes de milho na mesma área, aproveitando a fertilidade do solo. Outras vezes, o milho era plantado antes do arroz, e estes cresciam lado a lado.

A antiga roça de arroz também poderia ceder lugar a plantação de feijão. E, este poderia ser de várias espécies diferentes, o feijão catador, que é um tipo de vegetal que trepa nos outros vegetais que se encontram por perto, como os pés de milho ou de mandioca, por exemplo, sem prejudicar estes últimos. Dependendo das condições climáticas, depois da colheita do feijão e do milho, se o solo ainda se encontrasse com umidade suficiente, poderia na mesma área ser implantada a cultura da mandioca ou macaxeira.

A mandioca plantada, dependendo da variedade, levava de três a seis meses para estar pronta tanto para o consumo familiar quanto para se fazer a farinha. Consumir, usar como alimentos para os animais ou para fazer farinha dependiam do tipo de mandioca plantada. Por isso, segundo os camponeses entrevistados, era preciso saber, no momento do plantio a que se destinava a variedade plantada, se para o consumo diário da família, se “pros bichos” ou para a fabricação de farinha. Isso implicava na seleção cuidadosa das manivas, isto é, dos galhos das espécies utilizadas para a produção das novas plantas.

Já em relação ao milho, este, na apreciação de seu Valdir, em geral era utilizado tanto na alimentação dos animais quanto das pessoas, pois quando este ainda se encontrava verde,

⁵ Coivara é uma técnica utilizada com vistas a limpeza de uma área cuja queimada não foi realizada de forma satisfatória. Consiste na atividade de recolher, fazer pequenos montes e queimar a vegetação remanescente.

poderia ser consumido pela família camponesa. Muitas vezes, notadamente contando com o trabalho das mulheres, se costumava fazer pamonha, mingau e/ou bolo. Depois que este secava, elas “pisavam no pilão” e tiravam o fubá com o qual faziam o cuscuz ou pães. Com ele triturado no pilão com o uso de cinza e palha do milho para se retirar a casca das sementes, poderia se fazer a canjica. A partir da macaxeira ralada tiravam povinho para fazer beiju. A puba, proveniente de uma espécie especial de mandioca, a “mandioca braba”, era utilizada para fazer bolo, e a massa desta, era utilizada para fazer mingau, notadamente, para as crianças menores. Mas, este era também um dos produtos que as camponesas ofereciam ao mercado local, com vistas a ajudar no sustento da família, com a obtenção de uma fonte de renda extra temporária.

Nessa época, isto é, no momento de instalação nas propriedades, alguns conseguiam ajuda de vizinho que as vezes tinha chegado um pouca antes na localidade, e já tinha um pouco mais de experiências nos plantios da região, portanto, quando alguns não tinham recursos financeiros para fazer sua roça, ou mesmo quando chegavam na localidade e já tinha passado a época de fazer a roça, os vizinhos colocavam a sua disposição um espaço da roça já derrubada para estes fazerem o plantio de arroz que era o mais necessário, e combinavam entre eles que ao termina de fazer a colheita deixariam a roça limpa para o dono da terra continuar com o plantio de outros vegetais.

Outra prática comum na localidade era a que consistia na doação de algumas galinhas, frango, ou mesmo uma dúzia de ovos para os vizinhos recém-chegados iniciar a criação de seu plantel de galinhas. Pouco tempo depois, as mulheres iam trocando ovos de galinha entre elas, ou mesmo alguns franguinhos ainda pequenos com o objetivo de conseguir raças de aves diferentes ou de melhor qualidade. Da mesma forma agiam os pais de família ou filhos mais velhos, que, por sua vez, trocavam sementes de vegetais, mudas de bananeiras, coco da praia, cana de açúcar, etc., com a finalidade de ampliar a variedade de produtos disponíveis para o consumo familiar.

3. MUDANÇAS NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DOS CAMPONESES.

Passado o momento inicial, e já com uma certa estabilidade dos sistemas de produção, baseados estes na agricultura de subsistência, a partir da lavoura temporária ou anual, por

volta do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 os agricultores foram incorporando outras cultivares tais como o café, a pimenta do reino e o cacau, além da atividade pecuária. Assim, aos poucos foram estes modificando a paisagem do local, além, é claro, das práticas camponesas de trabalho na agricultura familiar. Desta forma, se antes ao colher o milho a roça era preparada em função da plantação de alguma variedade de mandioca, agora a roça seria preparada com vistas a implantação de uma cultura de ciclo longo ou mesmo para a implantação de capim.

Porém, estas novas variedades de cultivares, tais como a pimenta do reino, o cacau e o café necessitam de instrumento ou ferramentas de trabalho distintas das antes utilizadas, além do domínio de técnicas ainda não incorporadas no conjunto dos saberes do domínio familiar, e, sobretudo, da habilidade para selecionar de forma eficaz o solo no qual seria implantada a nova variedade de cultivar, notadamente, se esta fosse mais exigente em nutrientes ou requeresse um solo com maior profundidade de “terra macia”. Tais cuidados eram necessários, pois que não se poderia correr o risco de perder anos de trabalho na implantação destas novas roças.

Aos poucos foram estes camponeses, segundo seu Miquel, descobrindo que a cultivar cacau não produz bem na terra branca. Por isso, os camponeses que morava do lado Norte da rodovia Transamazônica, em geral, não desenvolvem esta atividade na mesma proporção, se comparamos com o lado Sul da mesma rodovia, em função da característica dos solos nestas áreas distintas, ressaltadas algumas exceções. Desta forma, alguns camponeses que objetivavam plantar cacau, em função da renda econômica conseguida com a produção deste, organizaram a estratégia de se capitalizarem e com isso adquirir um lote do lado Sul da rodovia, para fazer o plantio de cacau. Outros venderam sua propriedade de terra branca ou mista e compraram terra na outra margem da rodovia, quando desejavam implantar lavoura de cacau.

Em relação a quem preferiu trabalhar na atividade pecuária, alguns destes conseguiram iniciar a constituição de seu plantel de bovinos a partir da oferta de financiamento via Fundo Constitucional do Norte (FNO Especial), conseguido a partir de uma luta camponesa junto a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Porém, os relatos dos camponeses entrevistados nos indicam que para parte destes a atividade não foi satisfatória, ou porque a compra do gado financiado pelo banco não foi cuidadosa ou porque estes não

tinham experiência com este tipo de atividade produtiva. Desta forma, muitos não conseguiram nem mesmo pagar o financiamento no tempo que o contrato com o banco determinava e até hoje encontramos camponeses que não conseguiram pagar o banco que financiou o início da atividade pecuária. Para aqueles que conseguiram se adaptar com a nova atividade, incorporando rapidamente novas práticas e domínio de saberes, a melhoria das raças destes se tornou necessária. Mais necessário ainda, segundo seu João Luiz, foi a incorporação de um novo domínio cognitivo, se o objetivo era trabalhar com gado visando a produção de leite para atender o mercado local. As mudanças diziam então não somente a troca de matrizes e reprodutores, mas, notadamente, de mudanças nos sistemas de pastagens, no formato dos currais, no tempo de amamentação dos bezerros, dentre outros. Segundo um camponês entrevistado, era necessário, antes de comprar o gado, saber se este era manso ou bravo, pois isso indicava o tipo de cercas de arame a serem construídas na propriedade.

Para os camponeses que aderiram ao cultivo de café e pimenta do reino estas mudanças também se fizeram necessárias, embora foram efetivadas em outra direção. Porém, algumas destas atividades duraram pouco tempo como atividades lucrativas. Dentro de poucos anos, as plantações foram atacadas por doenças desconhecidas pelos agricultores, e até mesmo das equipes que prestavam assessoria técnica na região, como foi o caso da fusariose na pimenta do reino. Segundo Silva, (2019, p. 17), que analisa as mudanças dos sistemas de produção dos camponeses da rodovia Transamazônica, no trecho de Altamira em direção a Marabá, foi possível perceber também que:

A implantação destas novas culturas/cultivares, as mudanças nos sistemas de produção familiar camponesa, o aumento da renda familiar, provavelmente, influenciou de forma decisiva para que outras famílias aderissem também ao novo “modelo produtivo”, por entenderem que a mudança poderia atender a demanda da família e, conseqüentemente, elevar a renda da mesma.

Hoje muitos destes pioneiros da comunidade já estão aposentados, alguns continuam morando na sua propriedade, cujos filhos formaram outra família e/ou mudaram da comunidade, muitas vezes distante da propriedade dos pais. Parte deles, depois de idosos, venderam suas propriedades e foram morar na cidade; muito embora, hoje, na avaliação destes, as coisas estão melhores na comunidade do que no momento de sua chegada na localidade, pois que, naquela época, no tempo da colonização, não haviam estradas nas vicinais, era somente uma picada, e os camponeses dependiam de animais de carga para levar seus produtos até o local em que haviam estradas, e, chegando neste local, pegar um carro

chamado “pau de arara”, pois este era o carro que, em função das condições das estradas, conseguia carregar os camponeses até a cidade mais próxima, na qual estes realizavam as trocas econômicas.

4. O EXTRATIVISMO NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DA TRANSAMAZÔNICA.

Uma atividade camponesa muito importante no início da colonização da rodovia Transamazônica foi o extrativismo, pois que no início das atividades destes camponeses ainda havia muita mata e isso facilitava para que estes encontrarem produtos florestais nesta área, porque tinham muitas árvores produtivas das quais era possível usar os frutos para o consumo, como a castanha do Pará, o pequi, a sapucaia, o cajá, por exemplo. A castanheira é uma árvore que produzia muito, e no tempo da coleta dos frutos, no início do inverno, os camponeses coletavam os frutos tanto para o consumo quanto para a venda, com o intuito de ajudar no sustento da família comprando o que não produziam na propriedade.

Outros diminuía significativamente o volume de recursos econômicos utilizados com os cuidados com a saúde da família a partir do conhecimento do uso do óleo da andiróba e da copaíba, cuja forma de preparo foi incorporada ao domínio cognitivo, particularmente, das mulheres, a partir das relações destas famílias migrantes com as que já se encontravam há décadas no território, e que, em sua grande maioria viviam da extração de produtos da floresta, do pescado, dentre outras. Em função da dificuldade de acesso a estradas, acesso a tratamento de saúde, o remédio caseiro cumpria uma função importante na reprodução familiar. Segundo um camponês entrevistado, quando este remédio “não dava conta do recado”, muitas vezes, tinham eles que tirar o doente na rede até a faixa para esperar transporte até a cidade mais próxima.

Mas, não era só o extrativismo florestal que era praticado entre os camponeses da localidade, pois que estes também se utilizavam da caça de animais ou da captura de peixe com o objetivo de suprir a necessidade de proteínas. E, como em geral, a mata estava perto da casa, estes não precisavam se deslocar por longas distâncias afim de capturar os animais. Mas, para tanto estes camponeses precisaram conhecer ao menos parte dos hábitos destes mesmos animais, saber o que e onde estavam as espécies de frutos que estes comiam, a que horas do dia e/ou da noite estes costumavam se alimentar, além de apreender a confeccionar

armadilhas ou pequenos jiraus, mutãs, que serviriam para esperar a caça chegar nos locais de alimentação desta, e, assim, serem abatidas ou capturadas.

Como destaca um dos camponeses entrevistados, seu Miguel, era necessário construir estratégias visando aprisioná-la, e, para construir uma boa estratégia, tinha este que saber observar, treinar o ouvido para saber que bicho estava chegando na espera, e, isso era facilitado se este conhecia um morador antigo que era um bom caçador, que, como assegura nosso entrevistado, tinha “a manha do caçador”, porque isso também fazia parte de experiência adquirido com os vizinhos ao chegar na região.

Por certo, para terem maiores chances de captura dos animais, estes tiveram que desenvolver novas habilidades, precisaram acumular experiência para saber que fruto de árvore cada animal gostava de comer, ou qual a flor que este mais apreciava. Portanto, eles tiveram que produzir novos conhecimentos na área da caça e pesca, pois tinham que saber que tempo/período do ano a árvore estava com flor e o tempo da caída dos frutos, e saber qual animais gostavam de comer cada fruto, também, de acordo com este, tinha a questão da influência da lua na espera, pois, assegura ele, tem alguns animais que não saem para comer depois que a lua esta clareando, que “só saem da toca quando tem lua escura”.

Em se tratando da atividade de caça podemos também destacar o aprendizado necessário para desenvolver a habilidade de perceber que animal está andando nos locais de caçada, observando seus rastos, e, a partir desta valiosa informação, decidir se seria melhor tentar caça-lo com uma espera no mutã ou mesmo fazer uma “varrida”, retirando as folhar e os pequenos galhos numa extensão de área que cobria o percurso da passagem do animal pelo local.

A pesca também foi muito utilizada pelos camponeses como complemento alimentar, notadamente, na época da colonização. E, a partir das informações coletadas, foi possível verificar que naquela localidade, esta era uma atividade predominantemente feminina. As mulheres, em geral, na companhia dos filhos menores, segundo informações de dona Raimunda, saiam a captura de peixes, durante o dia, visando o sustento das famílias. Os homens, que em geral estavam nas atividades produtivas nas propriedades, muitas vezes, pescavam a tardinha ou na entrada da noite e em locais mais distantes. Tinham, portanto, melhores probabilidades de aprisionar o pescado necessário a alimentação familiar. Além disso, segundo um de nossos interlocutores, os pais de família ou os filhos mais velhos

construíam uma estratégia para lograr vantagem na referida atividade ao impedir que as mulheres utilizassem as melhores armadilhas, melhores linhas e anzóis, pois que as escondiam longe do alcance das mulheres no final de suas pescarias, particularmente, embaixo de alguma moita ao longo do caminho até o igarapé.

Muitas vezes, destaca dona Rosa, no mesmo instante em que os homens da família estavam pescando durante a noite, as mulheres desta comunidade se encontravam inseridas em atividades ligadas aos cuidados com a saúde, como a tarefa de preparar os remédios caseiros, os xaropes a partir das ervas medicinais, as garrafadas, a preparação do óleo da andiróba, a retirada do óleo das sementes de mamona, a preparação dos remédios com o uso da banha das galinhas ou com o óleo da capivara, e/ou o fel da paca dentre outros. Era comum, portanto, que as mulheres plantassem em canteiros, vasos ou latas velhas, ao redor de casa, ervas medicinais, e, em muitos casos, hortaliças que ajudavam na alimentação, pois que eram incorporados ao consumo da família.

Às vezes, dependendo da quantidade de remédio produzido ou das necessidades de consumo, em função de alguma situação de fragilidade econômica da família, estas levavam uma parte da produção até a cidade para ser vendida no mercado local. E, segundo a camponesa entrevistada, não faltavam compradores, em função das dificuldades de acesso ao remédio industrial ou ao preço deste no mercado local

A mata ainda fornecia a madeira para a construção das casas, particularmente a castanheira, cuja madeira foi e continua a ser muito utilizada na construção das moradias camponesas. Quando estas eram construídas de barro, destaca seu Pedro, eles utilizavam o cipó da mata e varinhas da capoeira com a finalidade de sustentar o barro das paredes, além, muitas vezes, de madeiras mais grossas, das quais se tirava o cavaco visando a cobertura das mesmas. Se era feita de tabua serrada, geralmente a madeira era de uma castanheira já seca do meio de uma “antiga derrubada”. O cipó foi muito utilizado também na construção de vassouras, jacás, cestas e ninhos para as galinhas porem seus ovos e/ou chocar. As vassouras eram vendidas na cidade, ao passo em que os jacás eram vendidos usualmente para os agricultores do lado Sul, que os utilizavam para carregar o cacau no interior das roças, na tarefa de fazer os montes de cacau, as chamadas bandeiras, cujos frutos seriam cortados antes de serem as amêndoas secadas ao sol. Também podiam ser vendidos para os camponeses do

lado Norte, afim de que estes pudessem carregar comida das suas roças para os pequenos animais, tais como macaxeira, milho, aboboras, batatas, etc.

5. A IMPLANTAÇÃO DE CULTURA/CULTIVARES MAIS RECENTES DA REGIÃO DA TRANSAMAZÔNICA

Uma questão que também é comentada pelos camponeses é a de que nos últimos anos o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) está fiscalizando muito o desmatamento, portanto, segundo estes, muito camponeses estariam vendendo seus lotes do lado Norte da rodovia e migrando para o lado Sul, pois que neste lado a área ocupada com o plantio do cacau poderia, com alguma luta e mobilização dos camponeses, passar a ser considerada como área de reflorestamento. Outra questão que faz parte da narrativa camponesa é a de que muitos deles quando vão tirar a licença para a abertura de uma nova roça, a área liberada pelo o IBAMA é, em geral, muito pequena e não compensa fazer um roçado pequeno para fazer as plantações anuais de milho, arroz, feijão, macaxeira, abóbora, etc., pois os animais silvestres não deixariam sobrar nada dos legumes plantados para o dono da roça, e, além disso, a burocracia para a liberação de derrubadas e queimadas é muito grande para conseguir tirar uma licença.

Alguns, no entanto, “arriscam” fazer a roça sem tirar a licença. Segundo seu Antônio, ao mesmo tempo em que eles não conseguem ultrapassar a burocracia do IBAMA, os fazendeiros da região estão “tomando de conta das vicinais”, pois que estes não têm medo de arriscar em fazer derrubadas e queimadas grandes e de forma clandestina, já que se forem pegos na clandestinidade e, em função disso, multados, tem dinheiro para pagarem as multas e/ou para contratar um advogado e recorrer indefinidamente, até que suas dívidas sejam perdoadas. Já os pequenos agricultores não têm dinheiro para pagar as multas, pois que, independente do caso, isto é, da quantidade de mata derrubada, a multa, para estes camponeses que tem pouco capital, se torna muito alta.

Se comparado aos municípios vizinhos, aqueles apresentam um percentual bem maior de investimento familiar na criação de gado, e, em função disso, houve mais desmatamento nestes locais, e, por conseguinte, um volume maior de multas do IBAMA. Rocha, (2016, pg.52), destaca o fato de que com a distribuição de financiamentos concedida pelo banco para

a criação bovina e para as atividades agrícolas, o desmatamento aumentou muito, porque o pequeno agricultor tirava um pequeno financiamento para a criação de gado leiteiro, ou para fazer um plantio de cacau, e os grandes fazendeiros conseguiram financiamento bem maior e investiram na criação do gado de raça em grande escala, desmatando o meio ambiente para obterem a pastagem necessária para manter e até mesmo ampliar constantemente os seus rebanhos.

A partir das entrevistas foi possível conhecer de forma mais consistente a realidade dos camponeses da comunidade Santo Antônio. Estes camponeses destacam o fato de que chegaram na vicinal por volta dos anos 1970/73 e, portanto, enfrentaram todas as dificuldades do início da colonização da rodovia Transamazônica. Vindos de diferentes estados, particularmente, dos estados do Maranhão, Ceará e Minas Gerais, e destacam que na sua região de origem a cultura que, predominantemente cultivavam eram o arroz, feijão catador, milho, mandioca e também tinham criação de galinhas e porcos e/ou carneiros.

Um dos entrevistados, seu Zé Maria, relatou que na sua região de origem ele e sua família moravam na propriedade do patrão, e nessa propriedade eles plantavam a lavoura branca para sustentar a família. Segundo ele, os plantios eram um pouco de cada produto, em duas tarefas de terras eles realizavam o plantio, até mesmo porque não tinham recursos financeiros para fazer um plantio grande. Destaca ele que a terra produzia muito bem, que o clima da região era muito chuvoso e dava para fazer até três plantios de arroz por ano, e ao colher as safras tinham que pagar para o patrão duas sacas por tarefa plantada.

Outra entrevistada, dona Silvia, destacou que ao sair, recém-casada, do estado de Minas Gerais migrou para o estado do Maranhão, no qual morava uma cunhada e que passou alguns anos morando nessa propriedade e também plantando lavoura branca. Ao ser informada da região, através de amigos e parentes que já se encontravam aqui, eles migraram para cá. Dentre os entrevistados, alguns acentuam o fato de que, em seguida a sua chegada, conseguiram seus lotes, outros, no entanto, ficaram morando em propriedade de parentes ou amigos durante anos.

Alguns moraram em várias vicinais até que conseguiram suas terras no km 115 Norte, e também relatam que em todas as vicinais existiam dificuldades em relação as estradas que “não existiam”, e, para ir até a cidade era muito difícil por não ter transporte. Acerca das

estratégias de migração para a região, uma de nossas entrevistadas, dona Maria do Socorro, enfatiza o fato de que:

... mesmo eu e minha família morando na propriedade dos outros, na época eu tínhamos muito esperança de um dia conseguir nossa terra, e houve um ano que meu esposo colocou uma roça bem grande de feijão do Sul. Deus ajudou que deu uma grande colheita, e ao terminar a safra Deus também ajudou no preço do feijão, e ao vender nós conseguimos um bom dinheiro, com o qual foi comprado este lote. Por isso que as vezes eu penso em vender mais quando eu lembro que trabalhamos tanto para conseguir este lote, não me sinto a vontade de me desfazer da minha terra.

Mas, segundo ela, ao chegar na vicinal continuou com muitas dificuldades devido ao fato de que na vicinal tinha estrada somente até um pedaço da vicinal ou travessão, e para eles trafegar até a cidade tinham que ir a pé até a faixa e pegar um carro chamado de pau de arará. No inverno as estradas ficavam muito ruins, e demoravam quase uma semana para chegar de volta em casa, até mesmo porque na época a cidade mais próxima era Altamira.

Um dos entrevistado, seu Manoel, mencionou o fato de que ao chegar na vicinal ele iniciou as atividades camponesas com as plantações de lavoura branca, como o arroz, milho, feijão catador, mandioca, criação de galinhas e porcos, e para isso teve que adquirir novas técnicas e práticas para dar prosseguimento com as novas plantações, que, naquela época alguns vizinhos já tinha prática em cultivar a lavoura branca na região, e que aqui era diferente da forma que ele fazia no local de origem, tanto na forma de cultivar, nas variedades plantadas quanto em relação as ferramentas utilizadas.

Até mesmo a forma de fazer a limpeza no interior das plantações era diferente, pois, segundo ele, se plantava primeiro o arroz, quando não queimava suficiente para fazer as plantações tinha que “encoivara” antes, e durante o crescimento do arroz ele muitas vezes precisava fazer uma ou duas limpezas, conforme o clima e a quantidade de mato que nascia no meio do legume. Se fosse inverno muito chuvoso era preciso fazer duas limpezas, se fosse um inverno com poucas chuvas faziam somente uma limpeza, dependia também do tipo de solo, tinha área nas quais nascia mais matos rasteiros, cipós, e outras área nascia mato mais longo. Na área que nascia o mato longo tinha mais necessidade de duas limpezas, para não sufocar a plantação.

Com quatro meses, em geral, dependendo da variedade, fazia a colheita. Ele destaca que usava a estratégia de fazer o plantio em semanas diferente, sempre na mesma fase da lua, para o arroz não amadurecer por completo de uma única vez. Com esta estratégia, segundo este, o arroz “ia chegando aos poucos” e assim, somente com a força de trabalho familiar

conseguia fazer toda a colheita no tempo certo. Nosso entrevistado afirmou que foi uma estratégia que ele adquiriu com os vizinhos, e que ajudavam muito, pois, como eles não tinham recursos financeiros para pagar alguém para ajudar na hora da colheita, com essa experiência de plantar o arroz em datas diferentes, o arroz não passava da época de colher, e somente a família dava conta de colher. Se na hora da colheita “apertasse o serviço”, as vezes usavam a estratégia de trocar diárias entres vizinhos; assim eles iriam trocando também experiências, e adquirindo novas práticas e técnicas para trabalhar de forma mais eficiente nos anos seguintes.

Em se tratando das atividades produtivas camponesas, notadamente da colheita do arroz, Smith (1977, pg.27), destaca o fato de que, muitas vezes, plantar roças menores era sinônimo de racionalidade, em função tanto da dificuldade de conseguir trabalhador externo quanto do preço do mesmo no mercado local, considerando a época da colheita e as dificuldades de armazenamento. Neste sentido, segundo ele:

toda colheita de arroz ao longo da Transamazônica é feita à mão, usualmente com uma foice ou terçado. Uns 9 homem-dias são necessários para colher 1 há de arroz empegando tais ferramenta: assim, aproximadamente 10 a 14 dias são gastos por maiores para cortar 5 há do cereal. Se um colono planta mais arroz do que pode colher em 2 semanas, as perdas aumentam de tal modo que há pouca vantagem em plantar mais.

O mesmo entrevistado, cuja percepção foi analisada anteriormente, destacou que teve muita dificuldade em aprender a “cortar arroz pelo pé”, cortando no meio da palha, pois na sua região de origem ser cortava ou colhia pelo cacho. Portanto, os vizinhos tinham dificuldade quando trocavam diária com ele, pois os vizinhos já haviam se adaptado as novas técnicas, práticas e usos de ferramentas e cortavam o arroz pelo pé; e, ele foi forçado a “entrar no ritmo”. Ao colher o arroz ele plantava o milho e em seguida plantavam o feijão catador, quando colhia o milho e o feijão fazia novamente a limpeza e plantavam a mandioca. Ele separava a quantidade de sacas de arroz que dariam para o consumo durante o ano inteiro, até a safra seguinte, e quando sobrava uma parte ele vendia para compra os produtos que não eram produziam na propriedade.

Outro entrevistado, seu Miguel, destacou o fato de que no início da implantação das famílias na comunidade estas compravam poucos produtos comercializado, pois a partir do segundo ano eles já tinham a produção do arroz, feijão, milho, mandioca, e começavam também a plantar cana de açúcar, batata doce, banana, coco da praia, inhame e verdura nos

aceiros das roças e ainda criava porco e galinha. Portanto, a maioria dos alimentos que a família precisava para o consumo era conseguida com o esforço desta mesma família. Relata ele que do porco criado eles tiravam a banha que seria utilizada para cozinhar, da cana de açúcar eles tiravam a garapa que servia para adoçar o café quando não tinham o “açúcar da venda”, da macaxeira a esposa tirava a tapioca, e a puba que era usada para fazer a merenda da manhã, e do milho depois de seco, era tirado o fubá, que além de alimentar os animais com milho e mandioca, a esposa ainda tinha um jeitinho de preparar um bom prato para a família.

Neste momento, segundo ele, todas as famílias tiveram que se adaptar as novas técnicas e novas práticas, principalmente as mulheres que tiveram que trocar muitas experiências umas com as outras para desenvolver suas atividades. Uma das entrevistada, dona Mara, relatou que na sua região de origem só tinham costume de fazer o urucum/colorau com a farinha branca, mas quando chegou na região, conversando com as vizinhas ela ficou sabendo de novas prática que poderia ajudar quando não tivessem a farinha, usar o fubá de milho no lugar da farinha branca, e, para ela foi uma experiência que ajudou muito, pois nem sempre tinham a farinha para preparar o colorau, e também a técnicas de pisar o milho com cinza e palha de milho seca, que está também foi uma prática adquirida na região.

Em relação ao conjunto das modificações, alguns entrevistados destacam o fato de que as modificações necessárias para se adapta e produzir na região não dizem respeito somente as novas formas de produzir, aos novos tempo de colher, as novas ferramentas usadas, as novas tecnologias incorporadas, mas que, sobretudo, envolvem universos ligados ao gosto, ao paladar, pois algumas pessoas que chegaram ainda crianças na região começaram a se alimentar com farinha de mandioca em substituição ao arroz, cereal mais consumido em seus locais de origem. Portanto, foram substituindo o habito de comer diariamente arroz como prato principal e incorporando a farinha na condição de prato cotidiano.

Mas, como eles nem sempre tinham a farinheira nas propriedades, eles usavam a do vizinho, e também o animal de carga para levar a mandioca até o local. Algumas vezes, segundo seu Antônio, se reuniam vários vizinhos, os homens, as mulheres e as crianças, todos trabalhavam, e como era trabalho manual tinha serviço para todos. Embora o trabalho fosse cansativo ao mesmo tempo era prazeroso fazer a farinhada em famílias. Fazer em conjunto resulta em aprendizado, em incorporação de técnicas, em domínios cognitivos necessários

para o momento em que se deverá conduzir a atividade isoladamente. Ao analisar a prática de elaboração da farinha, Smith (1977, pg.25) destaca o fato de que:

... para se fazer farinha seca, os tubérculos são descascados e ralados, e depois que a pasta é espremida numa prensa para remover um pouco da água, a massa é agitada sobre um forno quente até secar. Ambas as variedades, macaxeira e brava, são usadas para fazer farinha. No caso da ultima, o estágio de aquecimento elimina o veneno ácido cianídrico. Na manufatura da farinha puba, os tubérculos são deixados na água por 2 ou 3 dias, ficando macios e assim tornando o estágio de ralar desnecessário.

Em relação a mudança nas variedades dos cereais plantados na região, um de nossos entrevistados, seu Araújo, destaca que alguns anos mais tarde foi surgindo outros tipos de produtos como o arroz agulhinha, que “chegava mais cedo”, com três meses já estava maduro; o feijão carioca, e o milho do sabugo fino bem como a banana de fritar ou cozinhar. Desta forma, os agricultores foram fazendo as modificações, isto é, trocando ou substituindo as variedades anteriores, e, diz ele, “se acostumando com o gosto” das novas variedades.

Se no início da colonização da região o arroz era o cereal mais plantado na região, que as vezes contava até mesmo com o incentivo via crédito bancário, aos poucos chegou uma época que tinha muito arroz na região e os colonos não conseguiam vender o arroz produzido, o preço caiu e os colonos foram se desanimando de plantar a lavoura branca.

Também em função de situações como essa, parte dos agricultores da região começaram a plantar café e pimenta do reino, alguns começaram a fazer pastagem com o interesse de iniciar a atividade pecuária. Um dos entrevistados, seu Josias, destacou que teve muita dificuldade ao mudar de lavoura, pois que não tinha nem mesmo as ferramentas adequadas para fazer as estacas para iniciar a plantação da pimenta do reino. Além de precisar ter o domínio técnico para manusear as novas ferramentas, caso das cunhas, da marreta, motosserra, precisa também conhecer melhor as árvores que possuía na sua propriedade, já que por experiência, sabia que nem todas as madeiras tem a mesma utilidade ou resistência quando estas são enterradas no solo para ficar nele por longos anos seguidos. Então, na companhia de um vizinho mais experiente no assunto, percorreu o lote a procura de arvores de Acapu, de Jarana, madeiras muito resistentes e disponíveis na região.

Quando as novas roças estavam implantadas, caso das lavouras de cacau, café e pimenta do reino, por diversos anos estas atividades deram um bom resultado, na avaliação de nossos interlocutores, pois além de terem preços que compensavam o serviço realizado pela

família, tinham compradores “nas portas de suas casas todos os dias”. Com o passar do tempo, segundo estes, apareceu uma doença nos pimentais e acabou com a maioria das plantações dos colonos daquela vicinal. Por outro lado, o preço do café, na sua avaliação, deu uma baixa que não compensava nem mesmo fazer a colheita.

Aconteceu que alguns proprietários de lavoura de café, ou deram na meia para outras pessoas fazerem a colheita ou cortaram as plantas e implementaram pastagem na área do antigo cafezal. Conforme destaca Rocha (2003, pg.47), o final dos anos de 80 a 90 foi marcado pela crise dos cultivos permanentes, primeiramente pelos preços, depois pelas doenças. Esta crise também afetou os agricultores da vicinal do km 115 Norte, segundo nossos entrevistados, que lamentam o fato de “serem forçados a lidar somente com uma produção”. Na avaliação de Mattei (2014, pag. 73), são prejuízos de várias ordens, já que, considerando-se a produção da agricultura familiar camponesa, está:

... apesar de sofrer perdas de renda e ter dificuldade de acesso aos benefícios das políticas públicas, esta é uma forma de produção que procura estabelecer sistemas produtivos focados na biodiversidade, na valorização do trabalho familiar, na inclusão de jovens e de mulheres, na produção de alimentos destinados à segurança alimentar e nutricional da população brasileira e na promoção da democratização do acesso à terra e aos demais meios de produção, como estratégia de construção do desenvolvimento rural sustentável.

Com a diminuição das áreas de lavouras anuais, notadamente as destinadas a plantação de milho, arroz e mandioca e a implantação das lavouras permanentes, segundo seu Bené, ficou cada vez mais difícil plantar e colher lavoura branca, pois como esta é cada vez plantada em menor quantidade, os animais atacam mais, chegando ao ponto de, segundo este “não deixarem nada para o dono da roça colher”. Diz ele que na sua propriedade tem um rio e nessa época ainda tem muito capivara, por isso mesmo “já chegou ano de perder toda plantação de arroz pra capivaras”. Quando estas atacavam muito as roças, os vizinhos se reuniam aos finais de semanas para fazer a caçada da capivara, eles faziam as armadilhas nas margens do rio, e em cada armadilha ficava alguém armado, e os outros saíam com os cachorros para fazer as capivaras passar nas armadilhas, e no final da tarde quando conseguiam matar algumas dividiam entre eles, e assim, com medo dos cachorros e das armadilhas, elas passavam um bom tempo sem prejudicar os plantios, as vezes até chegar a época da colheita.

Assim, muitos deles depois que desistiram do plantio do café e da pimenta do reino devido as doenças que atacaram as plantações, muitos camponeses começaram a criação de gado. Um deles, seu Pedro, diz que começou com gado de leite, pois, para quem já tinha o

capim se tornou mais fácil, pois o trabalho foi o de cercar o pasto e comprar algumas cabeças de vacas leiteiras e um boi reprodutor.

Essa atividade na região foi impulsionada, segundo Rocha, (2016, pg. 56), a partir de 1991 a 2000, quando iniciaram os financiamentos com o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO especial), que beneficiou vários camponeses da Transamazônica, com crédito, especialmente para compra do gado bovino. Alguns entrevistados destacaram que foram contemplados com este tipo de financiamento, porém, destacam que precisa ficar claro que somente para uns deu certo e para outros não.

Alguns no início da atividade tiveram dificuldades, mas com o passar do tempo foram, segundo seu Joaquim, “pegando a prática” de trabalhar com o rebanho. Afirma que depois que adquiriu experiência com a criação do gado, a vida, financeiramente, foi melhorando, e que ao se trabalhar com o gado, o tempo de trabalho gasto com a atividade é bem menor e a renda é bem maior, pois, até mesmo para plantar o capim pode roçar a capoeira, e se não queimar bem o suficiente para plantar, pode jogar a semente do capim assim mesmo que “em poucos dias o capim sai fora”, e com poucos meses já está pronto para colocar o gado, por isso não é tão trabalhoso como trabalhar com a lavoura branca.

Alguns que tiveram êxito na atividade pecuária, com o dinheiro da venda do gado, compraram outras terras, localizadas estas no lado Sul da rodovia Transamazônica, destinadas estas terras adquiridas para o plantio do cacau, pois, na avaliação de nosso entrevistado, “é muito bom ter duas rendas de produtos diferente, até mesmo quando o preço do gado está baixo, tendo o outro produto pra vender, dá pra se sair um pouco”. Diz ele que se o preço do cacau baixar muito de valor no mercado local, pode ele vender uns bezerros e “segura o cacau até chegar o preço”.

Também destacou que preferiu comprar terra rocha para os filhos trabalhar com o cacau, pois os filhos sempre se interessaram por cultivar o cacau, e como eles já tinham interesse nessa cultura eles não teve muitas dificuldades para iniciar com o plantio de cacau, e também quando eles comparam a terra rocha as coisas já não eram tão difíceis quanto eram nos anos de 1970. E como os filhos já formaram outras famílias ele achou melhor comprar outras terras para que cada um possa ter sua própria propriedade. Neste caso específico, a produção é colocada a serviço da reprodução familiar, isto é, deve, prioritariamente, subsidiar a reprodução social familiar.

Um dos entrevistados, seu Marcos, afirmou que recebeu financiamento bancário para a atividade pecuária, mas que está não deu certo, pois ele não tinha experiência e, além disso, a cooperativa não deu assistência técnica necessária para os associados. Portanto, chegou um momento que ele precisou se desfazer do gado adquirido e, em função disso, continuar com o plantio de lavoura branca. Segundo ele, alguns que não tiveram êxito com as atividades pecuárias se encontram endividados até o momento atual.

6. OS AVANÇOS DAS TECNOLOGIAS NA AGRICULTURA FAMILIAR.

Considerando o diálogo com nossos entrevistados, estes relataram que nos últimos anos, com os avanços das novas tecnologias, notadamente com a chegada da energia elétrica em suas propriedades das vicinais, “as coisas vem melhorando cada dia mais”. Apesar de que nem todos têm condições financeiras para ter acesso a todas as tecnologias que se encontram disponíveis no mercado. Mas, mesmo com a aquisição de poucas “ferramentas tecnológicas”, as quais estes têm acesso, eles relatam que estas fazem uma enorme diferença no rendimento das atividades ligadas a agricultura familiar.

Destacam o uso dos motosserras em substituição aos machados de metal, das roçadeiras motorizadas em substituição as foices e aos facões, o motor movido a combustão ou o elétrico em relação ao “caititu”, usado para a atividade manual de ralar a mandioca, o uso do forno elétrico para torrar a farinha, que, segundo alguns, “dá pra regular o tempo da torrada e ir descansar um sono que o bicho faz sozinho a torração”. Destacam o uso das bombas d’água elétricas, das roda-d’água que substituem as cordas e manivelas usadas para puxar os baldes nos poços de água anteriores. Mas, dizem estes, não foi somente em relação ao trabalho na roça que houveram modificações nas ferramentas, pois, para o trabalho no interior das casas camponesas, também associados ao uso da energia elétrica, foram adquiridos fornos elétricos em substituição aos que usavam a lenha ou carvão e as vezes eram feitos com barro e/ou tijolos; máquinas de lavar roupa, que economizam tempo e esforço físico; liquidificadores com várias utilidades, geladeiras que possibilitam guardar a carne de animais durante semanas ou mesmo meses.

Também relataram que foi mais fácil aprender a lidar com as ferramentas tecnológicas, pois hoje em dia é mais fácil ter acesso a uma empresa de assistências técnicas que possa consertar quando estas ferramentas estragam e precisa trocar alguma peça, ou mesmo ter

algumas explicações com alguém mais experiente que faz o uso destas ferramentas a mais tempo. Um dos entrevistados, seu Moisés, destacou o fato de que logo após ter comprado a terra rocha para os filhos plantar o cacau, já se usava a roçadeira para fazer a limpeza das roças, mas, segundo este, muitos usam os inseticidas para matar o mato entre as plantas, porém, destaca ele que a maioria dos agricultores da região não tem costume de usas “esses venenos muito perigosos”, e, por isso preferem a roçadeira. Destaca ainda ele que vem melhorando também na questão das enxertias, pois hoje já se encontram vários tipos de muda de planta frutífera que produz com mais rapidez, até mesmo o cacau, além da enxertia já tem o cacau clonado, que, segundo este, “qualquer agricultor meio esperto” consegue fazer sozinho no lote, e, novas técnicas e práticas que vem sendo adquiridas ao longo dos anos. Segundo ele, “tem muito colono que é muito sabido nesse negócio de clonagem, que se colocar de testa com um técnico dessas empresas por aí, dá é de dez a zero nos caras”. Isso demonstra, a nosso ver, a capacidade criativa e inventiva do campesinato regional, que, ao ficar completamente desamparado pelo Estado, pela assistência técnica institucional, buscou, por sua própria conta e risco, novas formas e estratégias de apropriação de tecnologias, saberes, usos de equipamentos, na luta por sua sobrevivência no interior do território.

Por outro lado, tanto a inovação no sentido de novos equipamentos, ferramentas, insumos quanto o próprio domínio destas novas tecnologias ou mesmo das técnicas convencionais adaptadas poderá ser utilizada tanto por extratos de produtores empresariais quanto por produtores familiares camponeses. O que define o uso ou não uso de tais equipamentos e tecnologias são as condições de acesso ao mercado, a capacidade de investimento, de endividamento, de garantias de crédito subsidiado, e, não somente a disponibilidade destas. Ainda em se tratando do acesso as novas tecnologias produtivas, Neto (2012, pg.6), destaca que:

... as tecnologias e inovações assumem relevante importância para aumentar a produtividade, redução de custos e eficiência de gestão para ampliação/manutenção de mercados. Esta é uma resposta necessária devido ao acirramento competitivo entre produtores e países. Em razão disto tudo a busca por conhecimentos/inovações e tecnologias que resultem ganhos individuais ou coletivos para produtores de determinadas regiões ou países contribuirão para sobrevivência ou crescimento frente ao ambiente econômico cada vez mais exigente.

Mas, seu Agenor, um de nossos entrevistados assegura que hoje em dia mesmo com tantas tecnologias a cultura da produção familiar de subsistência vem se enfraquecendo, poucos agricultores ainda trabalham com lavoura branca. Um cultivo que ainda está presente

nas propriedades, segundo ele, “é o milho e a mandioca ao lado Norte, pois quando se roça a capoeira para planta o capim eles costumam planta o milho junto, e sempre deixa uma parte para o plantio de mandioca”. Ele destaca ainda que a maioria planta o milho e a mandioca somente para consumo e para os animais, pois para a venda não compensa, pois que “os produtos dos agricultores são muito desvalorizados no mercado, quando leva um produto para vender os comerciantes não pagam o preço que vale, e muitas veze para não voltar com o produto, e preciso troca em mercadorias”.

Destaca aspectos ligados a mudança nos sistemas de produção ou nas atividades realizadas pelos agricultores familiares na atualidade. Se estes pretendem continuar nas propriedades, tem que “pensa em novas práticas para continuar na propriedade, muito aderiu fazer criamos de peixe, plantio de melancia, investir mais na farinheira, criação de frango de granja, hortaliças, realização de queijo, e muitas dessas tentativas, não tem lucro como o agricultor espera, mas dá de se saí devagarinho”. Neste sentido, percebe-se que nem sempre o camponês continua com as práticas anteriores, que ele, aos poucos, de acordo com seus recursos disponíveis, vai modificando sua forma de produzir, se ajustando as novas demandas do mercado.

Em se tratando destas modificações, ele destaca que, “por exemplo a farinha não é todo ano que está com um bom preço, o peixe somente na semana santa consegue vender com um preço mais razoável, o queijo só tem mais saída mesmo é no verão, quando os pasto começa falta, o leite começa a diminuir, e é nesse período o queijo fica mais caro, por não ter leite suficiente para realização de queijo para abastecer os mercado da região”. E, continua ele, “a melancia o agricultor só conseguir um bom preço quando plantam fora da época, ou quando tem uma área de umidade, ou que faz a irrigação para ter uma safra fora da época, assim consegue um bom dinheiro, ao contrario não compensa cultivar, pois muito traz de outras regiões e terminam acumulando muita melancia nos mercados, devidos estes fatores os agricultores terminam desanimando em continuar com estes tipos de práticas na propriedade”.

Outra questão que tem incomodado ou se constituído em obstáculo para o desenvolvimento das atividades camponesas na agricultura familiar, na sua avaliação, foi a migração dos camponeses para a cidade, como a maiorias dos agricultores que chegaram na região na época da colonização, hoje já se encontram aposentados, sem mais forças para trabalhar e também a questão de saúde, “muito aderiu em mudar para a cidade e deixa os

filhos nas propriedades”. Porém, muitos destes que migraram para as pequenas cidades da região continuam com seus lotes no km 115 Norte, e, às vezes, compraram uma chácara no lado Sul.

No caso do nosso entrevistado, ele e os filhos “tomam de conta” das propriedades, como no lado Norte eles só trabalham com o gado, ele relatou que não tem necessidade de morar no lote. Desta forma, os filhos vão uma vez por semana cuidar do gado, somente na época de fazer a limpeza nos pastos, ou fazer as cercas eles passam mais alguns dias na propriedade, e na chácara já necessitam de mais cuidados, quanto da limpeza, da colheita.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com base nas informações conseguidas no interior das entrevistas realizadas com os camponeses da comunidade Santo Antônio foi possível compreender, ao menos em parte, as questões envolvidas ou relacionadas ao processo de mudança das atividades produtivas e reprodutivas das famílias camponesas daquela localidade. Foi possível perceber as dificuldades encontradas por eles ao chegar na região e, especificamente, na vicinal em que alguns ainda residem, que praticamente todos eles passaram por dificuldades semelhantes, e que, pelo fato de terem estes vindo de várias regiões diferentes, e ao chegarem na localidade terem que se adaptar as novas práticas, novas técnicas para cultivar as lavouras brancas que eram as atividades principais no momento para assegurar o sustento das suas famílias; essa diversidade de saberes, de domínios cognitivos, de experiências distintas, contribuiu de forma efetiva, para aumentar as possibilidades de sobrevivência no território, pois que, segundo um de nosso interlocutores, “ou tinham com quem aprende, ou tinha pra quem ensina”.

Compreende-se que foram vários os fatores que forçaram ou impulsionaram estes camponeses a migrarem para a localidade, e, por outro lado, várias foram os motivos pelos quais estes permaneceram na região. Mas, independentemente das dificuldades encontradas, presentes nas falas dos entrevistados, foi possível perceber que hoje em dia, a maioria destes se encontra em uma realidade diferente, comparando a realidade atual com a encontrada no início da colonização da Transamazônica, dadas as dificuldades vivenciadas pela maioria das famílias camponesas migrantes que se deslocaram para a região.

Foi possível ainda compreender que a maioria das mudanças ocorridas nos sistemas de produção destas famílias de camponeses entrevistados, não aconteceu por acaso, por “sorte de

alguns”, e, “azar dos outros”, mas, objetivamente, porque estes foram capazes de construir as condições necessária para garantir sua produção e reprodução social em uma situação completamente adversa. Foram estes que, por sua conta e risco, modificaram suas atividades, incorporaram novos insumos produtivos, buscaram novas formas de produzir, implantaram novas variedades, adotaram novos tratos culturais, enfim, modificar a paisagem enquanto se ajustavam a ela na luta pela sobrevivência física e social.

Desta forma, o campesinato local, considerando-se o universo da comunidade analisada, mas, sobretudo, o campesinato regional no interior do território, ao longo dos anos, foram adquirindo novas práticas, diferentes técnicas para lidar com as novas culturas que aos poucos estes estavam implantando. E, mesmo que a maioria destes camponeses migrante hoje se encontrem aposentados, distantes do trabalho manual na agricultura, esta mesma agricultura familiar camponesa, é, objetivamente, o resultado de suas intervenções, suas ações e reações.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GELINSKI NETO, Francisco. Tecnologia na agricultura: produtividade e renda. Setembro de 2012, Disponível em:<<http://fgelneto.paginas.ufsc.br/files/2011/08/TEC-NA-AGRICULTURA-VERS%830-FINAL-CORRIGIDA.Pdf>>acesso em 02 abril 2020.

MATTEI, Lauro. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. Fortaleza: Ver Econ. NE, v. 45, 2014.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. Travessias, Cascavel: UNOESTE, Vol. 2, No. 3, 2008

ROCHA, Carla G. Souza. Reprodução social e práticas socioprodutivas de agricultores familiares do Pará. Jundiaí: Paco Editorial: 2016.

ROCHA, Carla G. Souza. Desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na Transamazônica. Belém: AFATRA, 2003.

SILVA, Fábio J. Lopes da. As mudanças nos sistemas de produção, de práticas e saberes camponeses no território Transamazônica. UFPA: Pacajá, 2019

SMITH, J.H. Nigel. Influências culturais e ecológicas na produtividade agrícola ao longo da Transamazônica. Acta Amazônica; 7 (1) 1977.